

O INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS E A AÇÃO EDUCATIVA PARA PÚBLICO SURDO EM ESPAÇOS EXPOSITIVOS DE ARTES

Daniela Almeida Moreira

(Bacharelanda em Letras Libras - UFSC)

Licencianda em Artes Visuais - UDESC.)

Resumo

Existe um movimento reflexivo sobre a ação-educativa e o caráter das propostas de mediação realizadas dentro de espaços de bens culturais, aos diferentes públicos à que se dirige. Tendo em vista os diferentes públicos, cabe a reflexão que já vem sendo feita, sobre a ação-educativa aos públicos que requerem a acessibilidade nos espaços de bens culturais, tal como o público de surdos, para o qual, a acessibilidade está ligada à língua de sinais.

Esse texto apresenta uma experiência em Ação Educativa em espaços de bens culturais dirigida para o público de surdos, com o objetivo de refletir sobre as implicações que o atendimento do público de surdos trás para a mediação em espaços expositivos de artes e as contribuições do intérprete de língua brasileira de sinais no desenvolvimento da mediação e a transposição dos conteúdos de artes para a língua brasileira de sinais nos espaços expositivos.

Através da análise da proposta desenvolvida, constatou-se a importância da língua de sinais para o público surdo nas ações-educativas em espaços expositivos e as contribuições que a inserção do profissional intérprete da língua de sinais, também profissional arte-educador, traz para a equipe responsável pelas ações-educativas. Contudo, foi possível perceber questões relacionadas a atuação do tradutor/interprete e arte-educador, a necessidade da articulação entre o conhecimento das artes, a competência tradutórias e mediação de exposições. A importância da criação de programas e desenvolvimento de ações que possibilite o acesso do surdo aos bens culturais e ao conhecimento das artes em espaços expositivos. Essa produção se caracteriza como um estudo introdutório que apresenta resultados de uma pesquisa básica que terá continuidade e aprofundamento teórico, metodológico e prático, lançando algumas indagações para estudos e pesquisa posteriores referentes ao assunto.

PALAVRAS-CHAVE: intérprete de língua de sinais; surdez; língua brasileira de sinais; ação-educativa; mediação.

Introdução

Parras (2008) chama atenção para os estudos culturais que inserem discussões sobre a complexidade da mediação, como “*uma ação pedagógica responsável no campo de diálogo intercultural*”. (P. 14) Para ela, as produções em arte, a cultura e o patrimônio são alvos dos interesses particulares fazendo da ação mediadora instrumento importante para o entendimento dos símbolos, sentidos, significações interculturais e respeito a diferenças. (P.15- “tradução nossa”)

Alguns autores abordam determinados fatores que incidem sob o ato mediador, tais como o avanço dos sistemas de comunicação (KATAN, 1999. P. 12 - “tradução nossa”), os acordos políticos econômicos e disputas por mercados (BARKAI, s/d. P.44 - “tradução nossa”), o fluxo humano e os conflitos étnicos raciais (HJERMOV,2004.P.9 “tradução nossa”) e sua influência

sobre o papel da tradução/interpretação, permeada por um contexto propulsor do conhecimento das línguas e culturas, em particular ao tradutor/intérprete que assume o papel de mediador cultural. O mediador lingüístico abordado nesse texto é o intérprete da língua de sinais que realiza a interpretação da língua oral auditiva para a língua visoespacial¹ e vice versa, na comunicação entre pessoas surdas² e não surdas, atuante na maioria das vezes no campo educacional, tal atuação tornou-se objeto de muitas pesquisas³ sobre o papel que desempenha no ensino da pessoa surda.

A mediação e Ação-Educativa em espaços de bens culturais é objeto de estudo no sentido de construção dessa prática e seu papel no ensino⁴ da arte para todos os visitantes do espaço expositivo e museus, na realização de propostas acessíveis aos públicos e suas especificidades. A experiência de mediação para público de pessoas surdas apresentada nesse texto se propõe a refletir sobre as implicações para a Ação-Educativa e para o trabalho do intérprete da língua de sinais na transposição dos conhecimentos em artes para a língua de sinais e as contribuições de sua inserção na equipe responsável pela Ação-Educativa.

Tradutor/intérprete - um mediador cultural

David Katan (1999) aborda, em sua obra, o conceito de cultura ensinado como algo *externo ao indivíduo*, ligado a um *corpo de conhecimento a ser aprendido*, a *erudição* e o *letramento*, atrelada à *um tempo passado*. O autor propõe discutir sobre cultura, a qual, é *internalizada*, *coletiva* e *adquirida* mais do que *aprendida*, a cultura que vem por um processo *natural* e *inconsciente* que dirige ao aprendizado da língua através *do olhar* e *do ouvir*, a qual se aprende posterior ao aprendizado formal escolar. (P. 12-17) O autor parte do conceito de mediador cultural, introduzido nos estudos da tradução por Stephen Bochner, para o qual, o ato de traduzir/interpretar não se resume a transposição entre uma língua e outra, mas envolve outros aspectos:

[...] mediador cultural é a pessoa que facilita a comunicação, entendimento e ação entre pessoas de grupos que diferem em suas respectivas línguas e culturas. O papel do mediador é atuar interpretando a expressão, intenção, percepção, e expectativas de cada grupo cultural para o outro, estabelecendo e equilibrando a comunicação entre eles. A fim de servir como uma ligação no sentido de mediador capaz de participar amplamente em ambas as culturas. Assim um mediador deve ser

¹ Sugere-se a leitura de QUADROS, 2004, P. 29.

² Considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Cap. I. Art. 2º. Decreto n. 5626/2005.

³ Sugere-se a leitura de LACERDA, 2000; FELIPE, 2003; ROSA, 2005; LEITE, 2005; ROSSI, 2005; VIEIRA, 2007 e TUXI, 2009.

⁴ Sugere-se a leitura de MARTINS, 2005.

amplamente bicultural.(BOCHNER, 1981;Apud. KATAN, 199. P. 12 - “tradução nossa”)

A partir dessa abordagem da tradução/interpretação como mediação cultural, é possível supor que o mediador cultural tem um conhecimento que o autoriza a participar e se apropriar das nuances e aspectos particulares das culturas em suas respectivas línguas. Katan (1999), diz ainda que o mediador cultural é aquele que sabe como “atuar no papel de mediador” desprendendo-se das orientações da sua cultura, hábil para “negociações dos entendimentos entre duas culturas” e atento para os seguintes aspectos:

[...] O mediador cultural, tradutor ou intérprete, precisará entender como a cultura opera em geral e será capaz de enquadrar⁵ uma comunicação particular dentro do contexto da cultura. Portanto, mediadores, eles ou elas, precisarão desassociar-se de um enquadramento, uma mudança mental, para um texto virtual denso que guiará escolhas, quando na criação do novo texto aos endereçados...] (P. 241 - “tradução nossa”)

O tradutor/intérprete da língua de sinais realiza a mediação entre surdos e não surdos e o campo em que mais atua é o campo educacional, propriamente a sala de aula. Nesse espaço as atribuições do intérprete se confundem com as atribuições do professor e o papel do mediador fica um tanto deturpado. Quadros (2002) diz que seria viável um parecer do intérprete ao professor sobre o aprendizado do aluno surdo, seria a flexibilidade para assumir a função de intérprete e a função de “*tutor do surdo*” sob o acompanhamento do professor, uma ampliação da função mediadora. No entanto, o intérprete é inserido em sala para ocupar a posição de mediador e o professor para a posição de educador, ambos participantes do ensino do surdo, mas com atribuições diferentes. (P. 60) Lacerda (2000) diz que ao intérprete, não cabe apenas “*interpretar conteúdo, mas torná-los compreensíveis*”, em parte um mediador e em parte educador, mas adverte que se faz necessário uma “*atitude colaborativa*” entre o professor e o intérprete, além de ajustes curriculares e metodológicos para a inclusão educacional do aluno surdo. (P. 6 - 15) Para Rosa, o intérprete é “*mediador do mediador*” e não o mediador entre o aluno surdo e o conhecimento cultural”, ainda que não esteja isento de participar processo no aprendizado do aluno surdo, postura necessária para não alimentar atitude pedagógica indiferente as formas como os conteúdos são mediados para o aluno surdo. (MARTINS, 2004. Apud. ROSA, 2005. P.177).

A sala de aula seria um espaço profícuo para o papel mediador do intérprete de língua de sinais na mediação entre professor e aluno surdo, entre aluno e não surdo e entre o conhecimento na língua portuguesa para a língua de sinais e vice versa, entretanto, a não

⁵ Katan apresenta o conceito de *frame* e *context* baseado em Bateson. *Frame* é definido pelo autor: “*como um estado psicológico interior que toma parte do mapeamento que fazemos do mundo*”, está ligado a *context*: “*a representação externa da realidade*”. (1999. P. 34)

delimitação das competências de intérpretes e competências de professor em sala de aula, reduzem o ato interpretativo a comunicação entre intérprete e aluno surdo sem estender-se a todos os participantes do contexto comunicativo que a sala de aula compreende. (SHAW e JAMIESON,1997.Apud.TUXI, 2007.P. 22)

Ação Educativa – uma mediação cultural

Em pesquisa desenvolvida por Martins (2005), a autora dialoga com professores sobre o conceito de “mediação”, dentre as definições que surgiram durante a pesquisa Martins identifica um conceito central de mediação que é “*estar entre*” não apenas entre dois pontos mas “*estar entre muitos*”, a partir disso, podemos supor que a mediação compreende o estar em meio as produções culturais, atento para o que elas suscitam para as vivências durante as mediações. Tal concepção de “estar entre muitos” também é oportuna para se pensar a mediação em sala de aula, tendo em vista que as colocações dos professores suscitaram o termo, do qual partiremos para pensar no intérprete de língua de sinais e seu papel em sala de aula como mediador.

Reily (2003) em experiência no ensino de artes para surdos, fala da utilização de imagem como mediadora entre o surdo e o conhecimento, a autora pondera que a inserção do aluno surdo no sistema de ensino tem como prerrogativa, um aprendizado por meio da visualidade. (P.169) A autora fala do potencial da linguagem visual para apresentar conceituações difíceis para a língua falada e escrita, enquanto a visualidade possibilita tal compreensão com certa facilidade:

[...] a representação de equivalências ou diferenças, de hierarquia e valor, de sequência temporal ou espacial, de presença e ausência, de distância e proximidade no tempo ou no espaço, de causa e efeito, de hierarquia e subordinação, todos esses conceitos-chaves para pensar de forma relacional podem ser representados por imagem, tanto no plano figurativo quanto no não-figurativo. (P.177)

Winston (2001) em matéria da revista Odyssey, fala do uso inapropriado da imagem em aulas para surdos tornando a acessibilidade da imagem em inacessibilidade, quando o professor fala e se refere a imagem simultaneamente, impedindo o aluno surdo de acompanhar o intérprete da língua de sinais, a fala do professor e a ilustração. Winston adverte que é necessário aceitar as necessidades do aluno surdo como aluno surdo.

[...] Educadores devem entender que, como estudante surdo, eles precisam ter acessibilidade visual. Todas as atividades devem ser acessíveis visualmente para o estudante surdo a fim de que eles tenham a mesma oportunidade de aprender como os seus pares ouvintes. (P.8 - “tradução nossa”)

Winston chama atenção para o papel do intérprete em comunicar a professores e alunos sobre “situações não interpretáveis”, situação como essas de uso simultâneo da fala e ilustração. A postura do intérprete levaria o professor a repensar suas atividades em sala de aula, juntar-se à ele nas decisões e mudanças para o planejamento das aulas visualmente acessíveis, mudar atividades ou manter atividades, nesse caso a interpretação pode ser adaptada para atender a proposta da aula visualmente acessível. (P. 9)

Podemos perceber que o intérprete de língua de sinais se posiciona “entre muitos” interlocutores, “entre muitas” situações devendo estar atento para os muitos fatores que incidem sobre o ato da interpretação e sobre o ato mediador o qual realiza.

Uma experiência de mediação para público de surdos

A experiência aqui relatada está ligada a disciplina⁶ cursada pela autora, que se propôs a realização de Ação Educativa para público de surdos no espaço expositivo⁷. A experiência, se desenvolveu entre o mês de maio e junho do ano 2010, através das mediações de exposições para turmas de alunos surdos e turmas mistas de alunos surdos e não surdos, estudantes do ensino fundamental e médio, de escolas públicas do município de Florianópolis e São José.

A metodologia utilizada foi a Pesquisa-Ação⁸ por estar ligada a identificação de problemáticas passíveis da proposição de intervenção e ação de caráter colaborativo entre pesquisador e sujeitos de pesquisa, pertinente a proposta que contou com a colaboração dos participantes em uma experimentação em mediação de exposições e autoavaliação da prática de interpretação.

A proposta de trabalho se desenvolveu em três etapas: visitas às instituições⁹ que desenvolvem Ações Educativas para público de surdos, planejamentos das Ações Educativas em contato com as mediadoras¹⁰ do espaço expositivo e a realização das mediações para quatro grupos de visitantes. O texto apresenta a análise sucinta de uma das mediações e parte do planejamento da Ação - Educativa. Tendo em vista que o objeto de estudo exige apresentação mais extensa e análise apurada dos registros realizados durante as experiências.

⁶ Ação Educativa em Espaços Culturais é disciplina da 5ª fase da licenciatura em Artes Visuais ministrada pela Drª Sandra Regina Ramalho de Oliveira, docente do Departamento de Artes Visuais da UDESC.

⁷ Fundação Cultural BADESC situada no centro da cidade de Florianópolis, do Estado brasileiro de Santa Catarina, espaço que acolheu as ações educativas desenvolvidas por licencianda da 5ª fase em Artes Visuais da UDESC, nas exposições do primeiro semestre de 2010.

⁸ THIOLENT, (1997)

⁹ Pinacoteca da cidade de São Paulo desenvolve o Programa Educativo para Públicos Especiais - PEPE com atendimento do público surdo pelo arte/educador surdo. O Museu de Arte Moderna de São Paulo desenvolve o programa Igual diferente com o projeto Aprender para Ensinar na formação de mediadores surdos.

¹⁰ Monique Bens e Fabíola Scaranto, ambas licenciadas em Artes Plásticas pela UDESC, mediadoras da Fundação Cultural BADESC no ano de 2010.

As mediações realizadas foram em número de quatro, todas as ações propostas foram registradas em vídeos para análise posterior mais aprofundada em desdobramento do estudo.

A exposição mediada de nome Tensões exibia os trabalhos do artista Guido Heuer. Os trabalhos são denominados pelo próprio artista como “pintura objeto”, em formato quadrilátero tradicional, compostas por “lâminas” de diferentes formas e materiais, tais como: madeira, aço, fórmica e tinta, caracterizavam o relevo e sobreposição dos elementos da composição da “pintura objeto”.

A mediação foi organizada em duas partes, a primeira parte correspondente ao planejamento, teve como idéia, dialogar com o grupo sobre a relação entre o título da exposição e a composição de cada trabalho, objetivando um olhar investigativo sobre os materiais utilizados nos trabalhos, as características das composições e a proposição do artista. A segunda parte da atividade prática se desenvolveria através da divisão dos visitantes em quatro grupos, os quais, receberiam materiais que remetiam à composição das obras escolhidas para o exercício. A proposta de mediação sempre apresentada com antecedência para as mediadoras da instituição proporcionava momentos propícios para diálogo sobre a mediação para público de surdos.

A mediação em língua de sinais exigiu estudo e leituras sobre o artista e sua exposição, a identificação de sinais desconhecidos durante a mediação e as escolhas de estratégias tradutórias no diálogo sobre os conceitos abordados. Um roteiro da mediação foi treinado em frente a um espelho para exercício da fala e do tempo previsto. O conhecimento das artes e da língua de sinais garantiu mais qualidade e densidade para a mediação, uma vez que, naquele momento a mediação estava levando em conta o “ensino” de artes e a interpretação dos conteúdos dialogados entre mediador e público.

Foi possível observar que o grupo esteve bem participativo no diálogo inicial sobre o artista e percepções pessoais sobre a exposição, houve boa recepção e engajamento no exercício proposto, através do envolvimento e interesse dos alunos na construção compositiva. Essa proposta apresentou aspectos positivos no que se refere a deter o olhar para os detalhes e características do objeto de arte. A correlação entre o título da exposição e os materiais, bem como, a composição de cada obra e a inserção do conceito de “tensão” tal qual o objeto de arte apresentava, o conceito foi discutido e mediado a partir da visualidade contida na obra.

Considerações finais

Através dessa experiência foi possível observar que o atendimento do público de surdos em espaços expositivos tem como implicações: a necessidade de conhecimento da língua de

sinais, ainda que o visitante surdo seja estudante acompanhado do intérprete da escola que interpreta a Ação-Educativa, a língua de sinais aproxima o mediador do visitante, para que a comunicação não permaneça apenas entre visitante surdo e intérprete. A proposição de exercícios práticos que envolvam a manipulação de materiais, a construção compositiva, o olhar investigativo dos elementos formais da linguagem visual ou o diálogo a partir de objetos do cotidiano como recursos didáticos potencializados para a apreensão das vivências durante a mediação. Iniciativas de produções de “guias” impressos contendo dados institucionais e do acervo para o acesso do surdo ao espaço expositivo ainda que não haja a mediação em língua de sinais.

No que se refere à interpretação em espaços expositivos, percebe-se que o conhecimento de arte é muito importante, não apenas informações e dados sobre o artista ou a exposição, mas certo entendimento das proposições da arte no contexto atual e a proposição do objeto em exposição. É importante um posicionamento do intérprete durante a mediação sem ficar a margem ou apenas parcialmente inserido na mediação, o intérprete pode assumir uma postura sugestiva ao envolvimento do surdo em toda a mediação.

Em relação às contribuições do intérprete para a Ação-Educativa, a experiência incentivo à prática da visita dos surdos aos espaços expositivos, somou iniciativas ao movimento de visibilidade e sensibilização da parte dos setores públicos e seus profissionais para a capacitação no atendimento do público de surdos, buscou constante atitude de diálogo em partilhar conhecimentos relacionados a língua de sinais associados ao conhecimento em artes para a construção de propostas de mediação com o potenciais para o conhecimento do surdo sobre artes e acesso aos espaços expositivos.

Referências bibliográficas

BARKAI, John. **What's a cross-cultural mediator to do?** Cardozo Journal of Conflict Resolution. Vol.10. p. 43-87. s/d.Disponível em: <http://www.cojcr.org/vol4no2/notes01.html>. Acesso 07.08.2010.

KATAN, David **Translating Cultures, An Introduction for Translators, Interpreters and Mediators.** Manchester, St. Jerome Publishing, 1999.

KELMAN, Celeste Azulay e TUXI, Patrícia. **Intérprete Educacional e professor intérprete: buscando seu espaço.** Anais do 3º Encontro de Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais - EPILMS. Mato Grosso do Sul, 2007. Disponível em: http://www.apilms.org/menu/downloads/anais_3epilms.pdf. Acesso em: 14.08.2010.

LACERDA, C.B.F. **O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvinte: problematizando a questão.** In: GÓES, M.C.R. *SURDEZ: Processos Educativos e Subjetividade*. São Paulo, Lovice, 2000.

LEITE, Emeli Marques Costa Leite. **O papel do intérprete de LIBRAS em uma sala de aula inclusiva.** Dissertação de mestrado. Programa Interdisciplinar de Lingüística Aplicada. Rio de Janeiro, 2004.

MARTINS, Mirian Celeste. **Mediação: provocações estéticas.** Universidade Estadual Paulista- Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo. V. 1, n.1, outubro 2005.

HEJERMOV, Birgit. **Cultural mediation at de workplace - an introduction.** 2004. Disponível em: <http://www.gla.ac.uk/departments/adulteducation/research/rg/emulti08.pdf>. Acesso em: 06.08.2010.

ROSA, Andréia da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de Sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete.** Dissertação de mestrado.Universidade Estadual de Campinas.Campinas, 2005.

PARRAS, Olga Lucia Olaya. **Mediación artística e cultural.** In. Diálogos entre Arte e Público.V. 1. Recife, 2008

QUADROS, R. M. **O Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa.** Secretaria de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

STRANIERO-SERGIO, Francesco. **Notes about cultural mediator.** Disponível em: <http://www.openstarts.units.it/dspace/bitstream/10077/2497/1/20Straniero.pdf>. Acesso em: 06.08.2010.

REILY, Lucia. H. In. SILVA,I. R., KAUCHAKJE, S. e GESUELI. Z. M. (Org.) **As imagens: O lúdico e o absurdo no ensino de arte para surdos.** In. Cidadania, surdez e linguagem: Desafios e realidades. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez, 2007.

WINSTON, Elizabeth A. **Visual inaccessibility.** ODYSSEY. Vol.2. ISSUE. 2, 2001 P. 7 – 9.